

O homossexual disciplinado e suas verdades

The disciplined homosexual and his truths

El homossexual disciplinado y sus verdades

Ricardo Salztrager

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO/Brasil)

ricosalz@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0002-6725-5783>

RESUMO

A proposta do artigo é analisar como se deu a produção da homossexualidade pelo saber científico no contexto do exercício do poder disciplinar. Assim, examinamos como o discurso da ciência, envolto com questões classificatórias relativas a uma sexualidade normal e outras desviantes, acabou por constituir o próprio sujeito homossexual. Demonstramos também as principais operações em jogo em sua construção: a elevação do desejo homossexual à categoria de verdade do sujeito, a circunscrição de uma natureza homossexual, o remetimento da homossexualidade à categoria de causa difusa de todos os comportamentos subjetivos e a construção do homossexual como um personagem. Por fim, lançamos alguns questionamentos visando à problematização da identificação dos homossexuais com os postulados disciplinarizantes do saber científico.

PALAVRAS-CHAVE: Homossexualidade; Poder disciplinar; Saber científico; Anormalidade; Foucault.

* Sobre o autor ver página 94.



ABSTRACT

The purpose of the article is to analyze how the homosexuality was produced by scientific knowledge in the context of the disciplinary power. First, we examine how the science discourse, wrapped by classificatory questions related to normal sexuality and other deviations, was built the homosexual. We also demonstrate the main operations in its construction: the elevation of homosexual desire to the category of truth of the subject, the circumscription of a homosexual nature, the referral of homosexuality to the category of diffuse cause of all subjective behaviors and the construction of the homosexual as a character. Finally, we problematize the identification of homosexuals with the disciplinary's postulates of the scientific knowledge.

KEYWORDS: *Homosexuality; Disciplinary power; Scientific knowledge; Abnormality; Foucault.*

RESUMEN

El propósito del artículo es analizar cómo la homosexualidad fue producida por el conocimiento científico en el contexto del ejercicio del poder disciplinario. Así, examinamos cómo el discurso de la ciencia, involucrado con cuestiones clasificatorias relacionadas con la sexualidad normal y otras desviaciones, terminó por constituir el propio sujeto homosexual. También demostramos las principales operaciones en juego en su construcción: la elevación del deseo homosexual a la categoría de verdad del sujeto, la circunscripción de una naturaleza homosexual, la remisión de la homosexualidad a la categoría de causa difusa de todas las conductas subjetivas y la construcción del homosexual como personaje. Finalmente, lanzamos algunas preguntas con el objetivo de problematizar la identificación de los homosexuales con los postulados disciplinares del conocimiento científico.

KEYWORDS: *Homosexualidad; Poder disciplinario; El conocimiento científico; Anomalía; Foucault.*

1 Introdução

É corrente a concepção de que o século XIX, além de ter promovido a própria constituição da homossexualidade, também veio a produzir uma série infundável de verdades a seu respeito. Com efeito, os então chamados “homossexuais” trariam consigo algo da ordem de um desvio e, neste sentido, seus desejos por alguém do mesmo sexo seriam explicados por um funcionamento anormal do instinto sexual. Tal funcionamento anormal, por sua vez, estaria vinculado a certo problema cerebral, fazendo com que os processos sexuais fossem despertados por estímulos tidos como inapropriados. Enfim, atrelando, assim, a homossexualidade a tantas variáveis congênicas, passou-se, especialmente, a circunscrevê-la enquanto um dado natural: uma natureza anômala fazia com que alguns se excitassem por outros de sexo igual ao seu e, por conseguinte, era recomendável analisar de perto este desvio.

Decorrem daí conseqüências inevitáveis como a de que a homossexualidade, então alçada à categoria de essência subjetiva, passar a adquirir um lugar absolutamente central nas vidas dos homossexuais. Desta

forma, tudo o que eles faziam ou realizavam, o século XIX veio a remeter a seus desejos pelos iguais. Com isto, suas biografias passaram a efetivamente girar em torno desta espécie de polo de gravitação: se, durante a infância, se excitaram ao ver um corpo masculino – ou feminino – desnudo é porque eram homossexuais; se vieram a escolher tal profissão é porque eram homossexuais; se demonstravam gosto por certa forma de expressão artística é porque eram homossexuais; se seus comportamentos são sensíveis demais – no caso dos homens – ou *viris* demais – no caso das mulheres – é porque são homossexuais.

Como se não bastasse tudo isto, também era imprescindível uma investigação minuciosa da árvore genealógica de cada homossexual. Neste sentido, um pai neurótico, uma mãe psicótica, uma tia homossexual ou mesmo um avô praticante do sadomasoquismo poderiam indicar que algo na família não andava lá muito bem. Ademais, era preciso saber como foram suas infâncias, pois se por esta época, no contexto de uma brincadeira, por exemplo, eles vieram a se excitar ao ver um primo desnudo ou elas em ver alguma parente ou colega na mesma situação, ficava finalmente provado que a homossexualidade era um mal presente já desde a tenra infância. Algo que, em suma, poderia ser extirpado ou, no mínimo, modificado e, por isto, cabia às mais diversas terapêuticas nascentes a formulação de um tratamento viável.

De fato, podemos dizer que esta maneira de representar a homossexualidade foi característica de toda uma cultura literária, jurídica e, sobretudo, científica (COSTA, 1995), sendo que, no presente trabalho, nos interessaremos apenas por esta última. Nesta medida, nos voltamos, sobretudo, aos trabalhos de Foucault que, ao situar o surgimento das ciências humanas no contexto do exercício do poder disciplinar, acabou por, em grande parte, responsabilizar médicos, psiquiatras, neurologistas, psicólogos e pedagogos pela estranha e polêmica divisão entre uma sexualidade normal e outras desviantes, com a homossexualidade – é claro – situada no campo das segundas. Conforme veremos, foi justamente daí que emanaram as controvertidas concepções acima elencadas e que, transmitidas através das gerações com pouco senso crítico, chegam aos dias de hoje influenciando nossas vidas de forma crucial.

Neste contexto, nos interessamos especialmente pela análise do que denominamos “homossexual disciplinado”, ou seja, aquele que aceita, sem maiores questionamentos, os postulados que a ciência sobre ele construiu. Desta forma, ele pode ser caracterizado como o sujeito que considera que sua homossexualidade corresponde à sua verdade absoluta; que por ser essencialmente homossexual é exatamente idêntico aos seus; que possui a convicção de ser dotado de uma natureza anômala; que não cessa de se questionar sobre o que há de errado consigo ou sobre o que deve ter acontecido em sua infância para que se tornasse homossexual; que faz sua história inteira remeter a seu desejo, de modo a narrar seu passado, por exemplo, tendo sempre a homossexualidade como referencial; que acredita que as escolhas que efetuou na vida se fizeram em virtude de seu desejo pelos iguais; que julga seus mais variados gostos como consequências de seu desvio; que crê que sua opção profissional ou qualquer outra escolha sua se deu, justamente, por conta da homossexualidade; e que, finalmente, deseja ou já desejou deste mal se curar.

Em suma: o homossexual disciplinado é aquele que praticamente incorpora o que o poder disciplinar da ciência diz sobre ele e, neste aspecto, podemos mesmo afirmar que talvez não haja homossexuais que com algumas

destas características nunca tenha se identificado. Graças à disciplina, os homossexuais passaram a se constituir e a se enxergar, em grande medida, como desviantes, anormais ou perversos e há que se salientar o quanto esta identificação é capaz de gerar uma dose considerável de mal estar.

Deste modo, a questão em jogo é examinar como se deu a constituição da homossexualidade sobre o pano de fundo do poder disciplinar. Assim, mostraremos, ao longo do artigo, como o discurso da ciência, envolto com questões classificatórias relativas à normalidade e à anormalidade, acabou por produzir o próprio sujeito homossexual, demonstrando também quais as principais operações em jogo nesta construção. Por fim, lançaremos alguns questionamentos que talvez auxiliem na problematização da identificação dos homossexuais com os postulados disciplinarizantes do saber científico.

2 A implantação das perversões

Nosso ponto de partida é a afirmação foucaultiana de que, mais do que uma repressão propriamente dita, o século XIX assistiu a uma grande disciplinarização das práticas sexuais. Neste sentido, o primeiro volume de sua “História da sexualidade: A vontade de saber” (FOUCAULT, 1988 [1976]) é aberto com uma crítica contundente ao que ele denominou de “hipótese repressiva”. Seu propósito foi, em linhas gerais, colocar como problemática a ideia de que ao longo do século em questão houve certo aumento da repressão sexual, como se tivesse cabido ao Estado ou à Igreja, por exemplo, a formulação de leis que visassem a certas interdições. Pelo contrário, Foucault observa que, por esta época, houve justamente certo afrouxamento dos códigos penais em relação às práticas tidas como “libertinas” ou “devassas”. No entanto, não é porque houve tal suavização das leis que as condutas sexuais puderam finalmente se exercer de forma livre, como que intocadas por qualquer espécie de poder. Trata-se, aqui, de constatar, para além da repressão, a entrada em cena de certa artimanha mais sutil de exercício de poder e que ele denominou “poder disciplinar” (FOUCAULT, 1997 [1976]).

Com efeito, Foucault (1979) coloca ser demasiado reducionista encarar o poder como que se imprimindo apenas de maneira repressora, como se emanasse exclusivamente de cima para baixo, partindo do governo, da classe burguesa ou das instituições religiosas e atingindo a população como um todo, reprimindo-a. Ora, de acordo com suas reflexões, o poder consiste em algo que circula em todas as direções possíveis, jamais se cristalizando apenas nesta via descendente. Para ele, o poder se exerce também de baixo para cima, da esquerda para a direita, da direita para a esquerda e em todas as diagonais imaginadas em imbricadas tramas, remetendo a um emaranhado imenso de relações que, em muito, ultrapassam aquela existente entre repressor e reprimidos. Nesta medida, seu interesse recaiu sobre os poderes que se exercem no domínio micro, na própria vida cotidiana dos sujeitos, bem como nos agrupamentos que o atravessam e são por ele atravessados.

E foi em referência a este domínio microfísico que se constituiu o poder disciplinar. O pano de fundo de sua emergência foi o do declínio das grandes monarquias que, pelos séculos XVII e XVIII, se associou ao fim das técnicas de suplício enquanto modalidades privilegiadas de punição dos criminosos. Assim,

conforme o Absolutismo ia caindo por terra, a sociedade europeia ia também problematizando as táticas de punição que lhes eram características. Todavia, mais do que questionar os duros castigos corporais dirigidos aos fora da lei, por esta época, os homens almejavam jamais ter que precisar punir alguém, de modo a sonhar com a extinção de todo e qualquer crime da face do planeta. Neste sentido, o propósito em questão deveria ser atingido através de uma disciplinarização maciça dos corpos. Ou seja, desde muito cedo, os sujeitos deveriam ser incisivamente disciplinados para que ninguém viesse futuramente a se tornar criminoso.

Temos, aqui, o advento de ideias até hoje insistentemente repetidas e difundidas no tecido social: trata-se de afirmações – tidas como verdadeiras – como a de que o sujeito disciplinado desde a infância vai necessariamente se tornar um bom cidadão, ou de que o sujeito que quando criança recebe amor e carinho da família jamais se torna um criminoso ou mesmo de que crianças estudiosas e educadas serão efetivamente boas para o funcionamento da sociedade. Portanto, sucedendo ao Antigo Regime tivemos a constituição de uma sociedade que investiu, sobretudo, na disciplina com o intuito de aprimorar a vida em comunidade e extirpar de seus domínios qualquer possibilidade de crime.

Assim, o poder disciplinar foi se adentrando na vida dos sujeitos, das famílias, das escolas e demais instituições, tendo na figura do cientista seu principal agente. Deste modo, ao longo dos séculos disciplinares, um exército imenso de psicólogos, pedagogos, psiquiatras, neurologistas – bem como dos demais cientistas humanos e sociais – invadiram o cotidiano da sociedade, prescrevendo uma série de formulações sobre o que seria uma “família normal” e, conseqüentemente, uma “família desviante”; uma “criança normal” e outra “anormal”; o que consistiria em um “desenvolvimento socio-cognitivo-emocional sadio” e outro desestruturante; ou quais deveriam ser as características de um “menino normal”, de uma “menina normal”, de um “aluno normal”, de um aluno “anormal”, etc. De acordo com Foucault (2010), após esta classificação dos fenômenos subjetivos e sociais em uma escala que ia dos “normais” aos “anormais”, a estes últimos prescrevia-se o devido tratamento. A terapêutica em questão visaria às suas normatizações e à conseqüente adaptação social.

E assim caminhou a sociedade europeia, com sua população abraçando os ideais disciplinares preconizados pelas ciências humanas. Nesta medida, sublinha-se não ter tardado muito – pouco mais que um século – para que a mesma tendência à disciplina atingisse o domínio dos prazeres. Com isto, ocorreu a mesma classificação das manifestações sexuais em “normais” e em “desviantes”, “anormais” ou “perversas”, termos frequentemente empregados como sinônimos.

Para uma melhor compreensão dos princípios estruturantes desta classificação, é necessário remeter ao conceito de instinto sexual, noção forjada pelo saber médico em meados do século XIX. Em linhas gerais, o instinto sexual foi tido como o que propriamente motiva, impulsiona e dirige nossa sexualidade: assim como o sujeito teria um instinto de fome que o leva à alimentação ou um instinto de defesa que o conduz a proteção, ele também deve ser dotado de um instinto sexual que o impulsiona às atividades libidinosas. Nesta perspectiva, a partir da construção deste conceito, nosso desejo sexual passou a ser inserido na própria história natural das espécies, o que era de grande valia para os cientistas da época. O problema foi que, imbuídos de concepções por demais tradicionais

e moralizatórias, tais cientistas postularam que havia, no domínio do instinto sexual, um alvo que lhe é específico (no caso, o ato da cópula propriamente dito) bem como um objeto que lhe é predeterminado (no caso, o homem sendo o objeto privilegiado da mulher e vice versa). Deste modo, toda e qualquer manifestação sexual que escapasse a este quadro passava a ser considerada como da ordem do anormal (FOUCAULT, 2010 [2001]).

Com efeito, para alguns médicos e cientistas de então, o instinto sexual – ao contrário dos demais instintos – se caracterizava por sua demasiada rebeldia e, portanto, por sua própria natureza, recorrentemente extravasava os limites do funcionamento normal. Assim, por um dinamismo que lhe é próprio, bem como por sua fragilidade ou intensidade, este instinto estaria sujeito a toda uma série de aberrações e anomalias. Estas, portanto, se atrelavam à própria natureza da sexualidade humana e, dentro de seu vasto campo, os médicos incluíram, ao lado dos homossexuais, sujeitos cujos desejos simplesmente extrapolavam uma finalidade genital – como os sádicos, os masoquistas, os exibicionistas e os voyeuristas – até os dotados de taras um tanto quanto curiosas e mesmo criminosas: incluem-se aí, por exemplo, os necrófilos, os pedófilos e os assassinos por luxúria. Enfim, todos estes colocados dentro da mesma categoria: a dos “anormais”.

Por este viés, a medicina em geral – principalmente representada pela neurologia e pela psiquiatria – começou a adentrar em um espaço que até então não era o dela e ali passou a exercer seu poder vigiando a sexualidade desde cedo – mais propriamente desde a tenra infância – a fim de averiguar qualquer variação deste instinto rebelde, classificando as anomalias encontradas e propondo-se também a eliminar tudo o que imaginava capaz de extirpar. Uma artimanha, portanto, muito mais disciplinar do que repressora.

E, desta maneira, podemos finalmente compreender a afirmação capital de Foucault (1997 [1975]) de que o poder, mais do que reprimir os sujeitos, os produz. Neste sentido, o sujeito não seria considerado como a princípio livre e autônomo até ser atingido por um poder repressor que o limitaria ou o contivesse. Pelo contrário, ele sequer preexistiria ao exercício do poder, sendo, justamente, o seu efeito, como se à medida que o poder fosse se efetuando, uma série de sujeitos fossem, em série, produzidos: no caso do poder disciplinar, o “sujeito normal”, o “sujeito sadio”, o “sujeito bem desenvolvido” e mesmo o “sujeito perverso”, o “sujeito anormal” ou o “sujeito desviante”.

Assim, fica claro que, segundo a ótica foucaultiana, não se trataria de afirmar que o poder científico do século XIX veio a descobrir uma realidade que lhe era anterior – o “sujeito anormal” – passando então a analisar o que nele havia de errado ou impróprio. De fato, a ordem da perversão efetivamente não existia antes dos finais do século XIX, sendo, aos poucos, criada e implantada pelo poder disciplinar como consequência de sua própria maneira de se efetuar, sempre visando ao bom funcionamento de uma sociedade constituída por sujeitos saudáveis, normais e em conformidade com os padrões de conduta forjados pelos próprios cientistas.

3 A espécie homossexual

E foi desta maneira que nasceu a homossexualidade. Assim, se na Idade Média, os que amavam o mesmo sexo eram considerados os que deveriam ser caçados sem direito ao purgatório (CATONNÉ, 2001); se pouco depois passaram a ser incluídos em toda a corja que, junto aos loucos, profanadores, mendigos e libertinos foram internados nos Hospitais Gerais (FOUCAULT, 2017 [1961]); se ainda depois desta grande internação ganharam, nos séculos XVIII e XIX relativa liberdade, porém sendo alvos de constantes ações policiais (ERIBON, 2008), desde os fins do século XIX até os dias atuais, os agora “homossexuais” passaram a se aprisionar por entre as garras do poder disciplinar do saber científico.

De fato, em mais do que no nascimento de um novo termo – “homossexualidade” – o exercício do poder disciplinar implicou, propriamente, na constituição de um novo sujeito – o “homossexual” – figura jamais imaginada anteriormente. Nesta medida, o ponto talvez mais proeminente desta configuração subjetiva que estava sendo produzida foi que, a partir de então, um homem que amava outro homem e uma mulher que amava outra mulher passaram a ser anexados ao controvertido campo da “doença mental”. Ademais, como é próprio ao domínio da especulação científica, foram tratados de forma generalizada e, portanto, tiveram suas singularidades apagadas. Com efeito, para a ciência, os homossexuais possuem um mesmo comportamento, uma personalidade idêntica e um dinamismo cerebral igual, havendo, inclusive, uma explicação única para o desvio dos seus desejos.

Temos, portanto, o surgimento da “espécie homossexual” com a atribuição de uma série de características em comum aos que nela se incluem:

Esta nova caça às sexualidades periféricas provoca a *incorporação das perversões* e nova *especificação dos indivíduos*. [...] O homossexual do século XIX se torna um personagem: um passado, uma história, uma infância, uma forma de vida; também é morfologia, com uma anatomia discreta e, talvez, uma fisiologia misteriosa. Nada daquilo que é, no final das contas, escapa à sua sexualidade. Ela está presente nele todo: subjacente a todas as suas condutas, já que ela é o princípio insidioso e infinitamente ativo das mesmas; inscrita sem pudor na sua face e no seu corpo já que é um segredo que se trai sempre. É-lhe consubstancial, não tanto como pecado habitual, porém, como natureza singular. É necessário não esquecer que a categoria psicológica, psiquiátrica e médica da homossexualidade constituiu-se no dia em que foi caracterizada – o famoso artigo de Westphal em 1870, sobre as “sensações sexuais contrárias” pode servir de data natalícia – menos como um tipo de relações sexuais do que como uma qualidade da sensibilidade sexual, uma certa maneira de interverter, em si mesmo, o masculino e o feminino. A homossexualidade apareceu como uma das figuras da sexualidade quando foi transferida, da prática da sodomia, para uma espécie de androgenia interior, um hermafroditismo da alma. O sodomita era um reincidente, agora o homossexual é uma espécie” (FOUCAULT, 1988 [1976], p. 50-51, grifo do autor).

Trata-se, aqui, do mais famoso parágrafo de Foucault sobre a homossexualidade, aquele que contém as principais peculiaridades do que o

século XIX concebeu como o sujeito homossexual. O problema é que, lamentavelmente, a descrição foi feita de forma muito concisa e sem receber o devido desenvolvimento. Ademais, este é o único momento do livro no qual a homossexualidade aparece enquanto protagonista, o que, de fato, atíça ainda mais a curiosidade e a vontade de desdobrar tantas ideias relevantes. Desta maneira, visando esmiuçar o que está sendo por Foucault colocado, nos voltamos a outras indicações do livro que indiretamente tocam o assunto para que, assim, possamos analisar como se deu a construção da representação do homossexual pelo discurso científico da época.

Para que se constituísse tal representação, acreditamos terem sido necessárias quatro operações fundamentais, sempre atuando em conjunto e, por vezes, até se sobrepondo: a elevação do desejo homossexual à categoria de verdade do sujeito, a circunscrição de uma natureza homossexual, o remetimento da homossexualidade à categoria de causa difusa de todos os comportamentos subjetivos e, por fim, a construção do homossexual como um personagem. Analisemos estas quatro operações:

I) A elevação do desejo homossexual à categoria de verdade do sujeito

De acordo com Foucault (1988 [1976]), os médicos do século XIX trouxeram para o domínio científico – claro que readaptando-as – duas antigas tendências relativas à maneira de lidar o sexo: primeiro, estipulando ser necessário descobrir a qualquer custo sua verdade escondida e, segundo, considerando a verdade do sexo como a própria verdade subjetiva. Deste modo, como que em respeito a estas duas tendências, os mais variados cientistas se puseram a, em primeiro lugar, arduamente formular sequências inesgotáveis de questionários e interrogatórios clínicos a fim de extrair a verdade do desejo de seus pacientes e, em segundo, fazer este pequeno fragmento subjetivo corresponder à verdade daqueles que o procuravam:

Entre cada um de nós e nosso sexo, o Ocidente lançou uma incessante demanda de verdade: cabe-nos extrair-lhe a sua, já que lhe escapa; e a ele cabe dizer-nos a nossa, já que a detém nas sombras. [...] Dupla petição, pois somos forçados a saber a quantas anda o sexo, enquanto ele é suspeito de saber a quantas andamos nós (FOUCAULT, 1988 [1976], p. 87-88).

Foi assim, portanto, que o campo científico passou a postular que a questão concernente à nossa verdade ou àquilo que efetivamente somos deveria ser colocada em referência ao nosso sexo. Nesta medida, como que dizendo respeito à essência do sujeito, a sexualidade foi configurada como uma espécie de núcleo identitário a partir do qual emanavam as demais variáveis subjetivas tidas, portanto, como secundárias: “Você é homossexual e esta é a sua verdade” – diziam os médicos e, de fato, a identidade sexual fica, desta maneira, configurada como um aspecto central – e mesmo fundamental – do sujeito homossexual, passando a ser praticamente impossível dela fugir e a ela deixar de remeter.

As outras três operações são estritamente dependentes desta.

II) A circunscrição de uma natureza homossexual

Claro está que a proposta de fazer valer a verdade do desejo à verdade subjetiva trouxe sérios problemas no que tange à homossexualidade. Isto porque se “ser homossexual” concerne à verdade de alguém e, por conseguinte, a própria homossexualidade fica atrelada à ordem do desvio, então os homossexuais passam a ser identificados, pelo saber médico, a anômalos ou perversos.

Nesta medida, fez-se imprescindível, aos médicos, descobrir o que responderia por esta anomalia. Por isto, os mais diversos estudos se encarregaram de procurar elementos anatômicos e fisiológicos que viessem a justificar a homossexualidade, havendo certo consenso em situar o dano no funcionamento do sistema nervoso central. Desta forma, passou a haver, no campo médico, a difusão da ideia de que a homossexualidade seria de ordem congênita e, portanto, natural.

Cabe novamente sublinhar que, em parte, o que justificava a postulação desta natureza anormal foi o fato de muitos destes cientistas estarem imbuídos de concepções propriamente moralizatórias a respeito da sexualidade humana. Porém, é interessante marcar que outros assim o fizeram, de certa maneira, com a boa intenção – porém relativamente ingênua – de trazer os homossexuais para o campo médico, livrando-os, por conseguinte, de algumas duras legislações ainda em jogo (LANTERI-LAURA, 1994). No entanto, seja como for, por simples moralidade ou por certa bondade, esta postura trouxe consigo o terrível efeito colateral de transformar a homossexualidade em objeto de estudo e tratamento de uma medicina geralmente acrítica e produtora de diversas concepções problemáticas e questionáveis.

Em todo este contexto, os estudos que mais ficaram conhecidos foram os de Krafft-Ebing (2000 [1886]) para quem a homossexualidade era classificada como uma parestesia, ou seja, uma perversão do instinto sexual causada pelo fato de as funções sexuais do sujeito serem excitadas por estímulos “inadequados”. De maneira esquemática: em um funcionamento sexual normal, um homem ou uma mulher teria suas funções sexuais despontadas por um estímulo adequado, no caso, a mulher ou o homem, respectivamente; na homossexualidade, era um estímulo inadequado – um homem – que fazia despertar as funções sexuais de outro homem ou uma mulher que instaurava os mesmos processos em outra. Vale destacar que tamanho absurdo foi por vezes acompanhado de prescrições para que se desse atenção a esta anomalia cerebral já que ela poderia efetivamente conduzir a atos criminosos.

III) O remetimento da homossexualidade à categoria de causa difusa de todos os comportamentos subjetivos

Por este prisma, sublinhamos também que a proposta de colocar o desejo homossexual na posição daquilo que responde pela verdade de alguém teve a segunda consequência de alçar este desejo à estranha categoria de “razão de tudo”.

Com efeito, a constituição de uma postura propriamente investigativa dos médicos teve como característica o empreendimento de sucessivas

anamneses em seus pacientes para maior conhecimento de suas biografias (FOUCAULT, 2006). Neste contexto, quando um homossexual demandava tratamento, pedia-se que ele contasse tudo sobre si, sobre sua ascendência, sua infância, suas relações familiares, seus amores, etc, sempre com o intuito de descobrir o fator desencadeador de sua sexualidade desviante.

Deste modo, o saber médico passou a cuidadosamente estudar e analisar a vida dos homossexuais. O problema foi que tal exame se efetivava tendo por referência, justamente, as suas sexualidades, já que – segundo os próprios médicos – estas correspondiam a algo que lhes era essencial. Neste sentido, devido a uma espécie de círculo vicioso, todo o relato dos pacientes girava em torno de suas homossexualidades e, exatamente por isso, tudo parecia a ela remeter. Portanto, fechando os olhos para o fato de que a vida do paciente passava a insistentemente remeter a seu desejo porque a própria ciência preconizava que assim deveria ser, mas achando que cada vez que isto se realizava era porque as hipóteses médicas a respeito de uma natureza homossexual estavam corretas, a homossexualidade passou a ser tida, pelos médicos, como a causa, ao mesmo tempo, geral e redundante de tudo o que um homossexual realizava. Desta forma, seu desejo pelos outros do mesmo sexo foi adquirindo um poder causal e polimorfo que a tudo explicava e ao qual nada parecia conseguir escapar.

Em suma: o desejo homossexual foi circunscrito como supostamente capaz de promover as consequências mais variadas e, por isto, era necessário dele tanto falar. Assim, passou a ser ideal que se perseguisse o desejo até onde ele mais se escondia e promovia os efeitos mais diversos. Um verdadeiro perigo: é exatamente desta forma que tal desejo merecia ser tratado; algo que não cessava de gerar consequências – algumas até devastadoras – vindo a justificar todos os comportamentos do sujeito homossexual.

IV) A construção homossexual como um personagem

Por fim, resta destacar que a proposta de fazer de cada homossexual um “caso” a ser analisado acabou por transformá-los em – podemos dizer – personagens. Desta maneira, ao encontrar-se com os médicos, eles passavam a ter uma história, um passado, uma infância, um estilo, além de sofrimentos, dores e conflitos, como é próprio a qualquer um que venha a encenar certo roteiro.

De fato, diante de um homossexual, era imprescindível que o médico tudo dele viesse a saber. Desejava-se, primeiramente, descobrir se possuíam uma ascendência anormal e, com isto, toda uma árvore genealógica ia se desenhando. Em seguida, investigava-se sua infância, almejando, sobretudo, saber se o desejo homossexual estava presente desde cedo e qual teria sido o acontecimento deflagrador de sua sexualidade desviante. Questionava-se também as brincadeiras com outros meninos, as primeiras relações sexuais e, inclusive, se praticavam a sodomia ou dela procuravam se esquivar. Chegava-se, assim, à vida adulta, aos conflitos sociais e a todo sofrimento gerado por suas condições, com a história quase sempre terminando com um pedido de socorro ao médico.

E, nesta perspectiva, é interessante notar o modo como Krafft-Ebing (1886/2000), veio a descrever praticamente todos os seus doentes masculinos (os relatos de mulheres homossexuais é bastante escasso): alguém de nome “x”,

de idade “tal”, quase sempre com pais neuropatas e/ou com algum irmão ou parente homossexual, que durante a infância se sentiu excitado ao ver um corpo masculino desnudo ou vivenciou alguma outra situação que despertou seus desejos carnis, que sentia grande prazer em praticar o onanismo mútuo com colegas e que, com a puberdade, veio a conhecer seu primeiro amor platônico ou não. Eram, sobretudo, frequentes algumas dúvidas a respeito de entregarem-se a sodomia, chegando à vida adulta com outros questionamentos a respeito da possibilidade de um casamento que, segundo acreditavam, poderia livrar-lhe de seus males; eram, inclusive, incontáveis os relatos de tentativas de sentir prazer com mulheres e, por fim, havia formulação de uma demanda de cura, ao qual o médico recomendava desde a hidroterapia até o encontro com prostitutas. Um mesmo roteiro, portanto, mas com diferentes personagens.

Deste modo, é interessante notar não apenas o quanto a postura médica em questão fez nascer uma série de personagens, mas também favoreceu a criação de uma espécie de roteiro estereotipado para suas encenações. Cabe marcar que talvez isto tenha ocorrido em virtude dos próprios clichês médicos e de sua prática sempre homogênea, marcada pelas mesmas investigações, bem como por perguntas equivalentes e hipóteses idênticas. Não que os homossexuais fossem iguais... os problemas pelos médicos levantados é que talvez fossem os mesmos, o que acabava favorecendo a constituição deste mesmo roteiro a ser levemente adaptado para a vida de cada homossexual. Tudo novamente feito à maneira de um círculo vicioso.

São estas, portanto, as quatro operações através das quais o século XIX construiu a representação da homossexualidade e, com ela, veio também a produzir o próprio sujeito homossexual. Ora, acreditando descobrir verdades, quando nada mais faziam do que as construir, a homossexualidade foi se produzindo à medida que o poder disciplinar dos cientistas ia a ela se dirigindo. Em primeiro lugar, postulava-se que o desejo sexual respondia pela própria identidade subjetiva. Com isto, os que desejavam o mesmo sexo passaram a ter, acima de tudo, uma identidade homossexual. Em segundo, formulava-se outra série de verdades a respeito do que seria uma sexualidade normal e uma sexualidade desviante. Com isto, uma natureza propriamente anormal passava a ser a eles atribuída. Em terceiro, convidando-os a contar sua saga, porém fazendo seus discursos girarem em torno de sua identidade homossexual, eles passavam a reconstruir suas vidas tendo sempre como referência àquilo que para eles passava a ter o valor de uma “essência”. Com isto, a homossexualidade ficava alçada à posição de causa prolixa de todas as realizações subjetivas. E, por fim, transformando os homossexuais em casos clínicos, a ciência fazia nascer personagens que, devido à suposta homogeneização das intervenções médicas, acabavam encenando sempre um mesmo e entediante enredo.

4 Para além da disciplina

Este personagem que nasce aí é o próprio protagonista deste artigo: o homossexual disciplinado. Conforme destacamos, ele nada mais seria do que aquele que aceita as verdades construídas pelo discurso da ciência e as toma para si, identificando-se, em maior ou menor grau, com as peculiaridades que lhes são atribuídas. Em si, este processo de identificação ocorre porque, afinal de contas, vivemos em uma sociedade que efetivamente legitima o discurso científico

enquanto verdadeiro, ou seja, aquele encarregado de enunciar as mais variadas verdades a respeito dos fenômenos do mundo, da sociedade e, sobretudo, dos sujeitos. Assim, em virtude desta convicção nas verdades da ciência, o homossexual disciplinado acaba encarnando-as, muitas vezes, sem o necessário senso crítico e até de forma mesmo espontânea. E, por este viés, podemos dizer ser, em parte, por causa deste processo de identificação – com os próprios homossexuais incorporando aquilo que sobre eles é dito – que tais verdades científicas conseguem atravessar gerações e acabam se transmitindo sem maiores questionamentos.

Por isto, estas tantas verdades sobre a homossexualidade chegam aos dias atuais, algumas, é claro, levemente modificadas ou problematizadas, porém outras quase que intocadas por qualquer visão crítica. Por isto mesmo, podemos afirmar que o homossexual disciplinado, embora constituído há tanto tempo, é um personagem típico do século XXI. Com efeito, em maior ou menor grau, ainda hoje, se instaura certa identificação – por vezes até maciça – com estas verdades preconizadas pela ciência e, por isto, é imprescindível problematizar seus principais pressupostos. Daí o intuito de demonstrar que tais postulações a respeito da homossexualidade jamais consistiram em verdades em si, não dizendo respeito, portanto, a verdades absolutas que estavam escondidas ao longo da história até serem finalmente descobertas, em fins século XIX, por algum cientista. Pelo contrário, embora os mais diversos cientistas não tivessem a exata consciência disso, é fato que eles próprios construíram tais verdades. No entanto, convém marcar que, ainda que não se trate de verdades em si, elas conseguem se efetivar enquanto tais, já que, conforme afirmamos, a própria sociedade demonstra grande credulidade ao que enuncia a ciência e a esta se entrega com convicção quase cega. Nesta medida, tais postulações passam a promover, no tecido social, o que se pode chamar de “efeitos de verdade”, ou seja, por serem entendidas como verdades passam a ser capazes de conduzir a consequências semelhantes às provocadas por uma verdade propriamente dita.

Deste modo, em primeiro lugar, há que se salientar que, por esta submissão ao saber científico, o homossexual disciplinado vem a aceitar como verdadeira a concepção de que seu desejo pelos outros do mesmo sexo responde pelo lugar de sua própria verdade subjetiva. Por conseguinte, ele vem a se identificar como homossexual, mais até do que se identificaria, por exemplo, como médico, advogado, artista, pai ou mãe. Em outros termos, por acreditar que esta é a “sua verdade”, “ser homossexual” assume para ele o valor de uma essência, de alicerce fundamental ao qual se torna impossível fugir ou deixar de remeter. Isto porque se o homossexual disciplinado é médico ou advogado, por exemplo, ele provavelmente já se perguntou se algum cliente em potencial iria deixar de procurá-lo por saber de sua sexualidade. Ou então já deve ter arquitetado em suas fantasias um plano para dissimular sua homossexualidade e não ser por ela prejudicado do ponto de vista profissional. Nota-se, portanto, que, para o homossexual disciplinado, “ser homossexual” é um valor identitário muito mais basal do que “ser médico”, “ser advogado” ou qualquer outra profissão que, por questões de puro estereótipo, não cabem muito bem a um homossexual. Agora, se ele é artista, é provável que já tenha se perguntado se escolheu tal profissão, justamente, por ser homossexual. Neste sentido, é capaz de já ter ficado, inclusive, feliz por gostar de artes e, desta maneira, conseguir

escapar a certo preconceito que em seu meio profissional é efetivamente menor do que em outro. Logo, mais uma vez, segundo o próprio discurso do homossexual disciplinado, “ser homossexual” é uma identidade muito mais fundamental do que a ligada a seu ofício. E o mesmo ocorre em outro exemplo, pois se o homossexual disciplinado é mãe ou pai, já deve ter se perguntado, de forma até mesmo insistente, como pode um homossexual ser pai ou mãe sem vir a prejudicar o desenvolvimento dos filhos ou servir-lhes de mau exemplo. Deste modo, a identidade de pai e de mãe também aí parecem remeter à própria identidade sexual, o que efetivamente vem a reafirmá-la enquanto mais substancial. Portanto, primeiro ponto: o homossexual disciplinado é aquele que aceita a identidade sexual como sua verdade mais absoluta, fazendo com que este pequeno bocado de si – seu desejo sexual – venha a assumir um lugar central em sua vida, tornando suas outras formações identitárias sempre dela dependentes e a ela constantemente reenviando.

Em segundo lugar, pela mesma obediência crédula aos postulados científicos, o homossexual disciplinado é aquele que se identifica como um desviante e talvez não consiga parar de se enxergar enquanto anormal ou perverso. Assim, ele insistentemente fica se perguntando sobre o que há de errado consigo... Em todo este contexto, pode ser comum ele questionar se sua homossexualidade é realmente congênita, ficando inclusive atento aos estudos que volta e meia lhe chegam a respeito da descoberta de um gene responsável pela homossexualidade, de um hormônio que em excesso ou escassez pode vir a provocá-la ou de um dano cerebral ou erro no desenvolvimento embriológico capaz de fazer nascer o desejo pelos outros do mesmo sexo. Ainda neste sentido, caso o homossexual disciplinado consiga obter certo senso crítico e duvidar de que sua homossexualidade é um dado natural, pode ele, em reação, se voltar à procura de sua causa não propriamente congênita, mas adquirida. Este é, inclusive, um movimento típico do homossexual disciplinado que luta pelo reconhecimento de que sua preferência sexual não consiste em uma realidade biológica, tratando-se, segundo ele, de algo de origens sociais ou psicológicas. Desta maneira, ele pode vir a procurar suas causas na infância, em algum trauma vivenciado, em alguma experiência desagradável, nos mais diversos dramalhões edipianos, etc. Em meio a tudo isto, é comum que o homossexual disciplinado culpe a mãe ou o pai por suas preferências e, de forma mesmo risível, às vezes sobra para a avó, as irmãs ou algum coleguinha de brincadeiras infantis. E nada, absolutamente nada, parece capaz de fazer cessar esta busca interminável e inevitavelmente fadada ao fracasso. Portanto, segundo ponto: o homossexual disciplinado é aquele que se identifica como desviante, que se representa como anormal e que aceita existir uma explicação natural ou adquirida para seu desejo pelos outros do mesmo sexo.

Em terceiro lugar, enfatiza-se a convicção do homossexual disciplinado de que tudo o que realizou ou realizará na vida foi ou se dará em virtude de sua homossexualidade. Inclui-se aí sua suposta crença de que tudo o que de estranho, errado ou doloroso que lhe aconteceu foi pelo fato de ele ser homossexual. Deste modo, ele acredita que sua homossexualidade possui um lugar tão central em sua subjetividade que talvez nada a ela fuja. Assim, todas as suas condutas, escolhas ou preferências são por ela justificadas: se sofre em demasia ou um pouco mais do que os outros é porque é homossexual (afinal, heteros não sofrem tanto, segundo o homossexual disciplinado); se – no caso dos homens –

recorrentemente chora é porque é homossexual e se – em relação às mulheres – é mais forte ou enérgica do que a média também é por ser homossexual. Se gosta de um estilo de música específico é porque é homossexual; se não curte o mesmo estilo que a maioria dos homossexuais, algo com ele está errado (afinal, se a homossexualidade é de ordem identitária, então todos deveriam ser absolutamente iguais...). Se ela gosta de futebol é porque é homossexual; se ele não gosta é porque é homossexual; se ela não gosta, algo deu errado e, se ele gosta, idem. Se é tímido em demasia é porque é homossexual; se, por vezes, se esconde do mundo, é porque é homossexual. Se, quando criança, ficava quieto em seu canto é porque já era homossexual. Se, quando menina, preferia as brincadeiras dos meninos é porque desde sempre era homossexual e, se gostava das brincadeiras das meninas, algo estava errado – e o mesmo vale para os meninos. Se alguém da família o rejeita é porque é homossexual, se alguém da faculdade dele não gosta é porque é homossexual, se o patrão briga com ele é porque é homossexual, e por aí vai... Portanto, terceiro ponto: o homossexual disciplinado é aquele que crê que sua preferência sexual explica tudo – ou grande parte das coisas – que lhe aconteceram, acontecem ou acontecerão.

Em quarto e último lugar, o homossexual disciplinado é aquele que, por achar que sua homossexualidade é um fenômeno típico, acaba por encarnar um personagem que encena um roteiro propriamente estereotipado e, em vários pontos, equivalentes aos dos seus: roteiros que, vale novamente marcar, possuem a homossexualidade como o núcleo a partir do qual tudo se desenvolve, em torno do qual a história vem a girar e ao qual tudo o que se sucede vem a ele se remeter. Nesta medida, o homossexual disciplinado, por inúmeras vezes, se pergunta ou já se perguntou se algo na sua família justifica sua condição. Assim, é bastante comum que ele ao saber, por exemplo, da homossexualidade de um primo distante ou de um tio afastado acabe por, em suas fantasias, construir a hipótese de que há um maldito gene circulando na família e que, infelizmente, veio a lhe atingir. Por este viés, acontece mesmo de se pôr a investigar como a família reagiu às homossexualidades destes parentes na vã tentativa de acertar o que acontecerá consigo na tão esperada hora da confissão. Pode ocorrer de o homossexual disciplinado se recordar de brincadeiras com primos e colequinhas e acreditar que este é um fenômeno típico de homossexuais, como se futuros héteros também não se entregassem a tais diversões. São corriqueiros também os conflitos a respeito da sodomia, com uma série de pensamentos infundáveis do tipo “só é homossexual quem se entrega passivamente” ou “quem assume o papel de passivo é mais homossexual” ou “eu sou homossexual, mas sou ativo” ou “sou ‘macho’ estou à procura de passivos” ou “para ser ativo comigo tem que ser ‘macho’”, dentre vários outros absurdos que o homossexual disciplinado não cansa de repetir. Há inclusive, no meio homossexual, um grande folclore em torno do prazer anal, o que leva muitos a terem iniciado suas vidas sexuais em práticas outras e passarem a se entregar a tal prazer somente após grande perturbação. Cabe, enfim, marcar ser comum entre os personagens em questão ideias a respeito de um casamento que, segundo acreditam, será capaz de colocar um ponto final em seus desejos aterrorizantes, além das inúmeras tentativas fracassadas de obtenção de prazer com alguém do sexo oposto. Incluem-se aqui os vãos esforços em curar-se através do tratamento com algum médico ou psicólogo ou então de conseguir o mesmo alívio com a entrega a uma religião.

Portanto, quarto e último ponto: o homossexual disciplinado é aquele que encena um enredo típico e, em alguns aspectos estereotipados, justamente, por colocar sua homossexualidade no lugar de germen a partir do qual a totalidade de sua história se desenrola.

Assim, à guisa de conclusão, cabe sublinhar o tamanho sofrimento que advém quando o homossexual se curva, sem maiores críticas, a este poder disciplinador do saber científico. Com isto, ele passa a acreditar que sua verdade mais íntima é “ser homossexual”. Mas, quanto a este ponto, cabe questionar: faz sentido a preferência sexual de alguém se transformar em um dado identitário tão fundamental? Não se trata, aqui, apenas da forma pela qual um sujeito obtém prazer? Por que alguém deve ser “mais homossexual” do que “médico”, “advogado”, “mãe”, “pai” ou “artista”?

Conforme destacamos, o homossexual disciplinado também passa a se representar como um desviante. E, neste aspecto, vale também perguntar: quem disse que há uma forma normal de se obter prazer sexual? Um cientista qualquer, sem as provas necessárias e apenas imbuído de concepções moralizatórias? Pois foi ele quem postulou que o homossexual é um anormal. Agora, se o homossexual disciplinado acredita neste cientista, ele vai efetivamente tentar buscar as causas de sua homossexualidade – coisa que, cabe marcar, um heterossexual não faz – e daí vai recorrer à natureza, à psicologia ou à sociedade... E envolto em uma série de buscas vãs, acaba esquecendo que ele assim só age porque, acima de tudo, acreditou em cientistas que, sem as provas cabíveis e envolto em concepções morais, o constituíram enquanto um desviante.

Quanto ao ponto de o homossexual disciplinado identificar a sua homossexualidade como sendo a causa de tudo o que realiza ou lhe ocorre, devemos questionar: será mesmo que todo o seu sofrimento ou toda a sua culpa se dão por causa de sua preferência sexual? Será a demasiada sensibilidade dele ou a notória virilidade dela causadas por seus desejos por alguém do mesmo sexo? Quem disse que o desejo sexual de alguém vem a determinar o gosto por brincadeiras, o estilo musical preferido e mesmo os comportamentos mais diversos? Enfim, será que todas as pessoas que odeiam um homossexual assim o fazem simplesmente porque ele é homossexual?

Enfim, sobre a questão dos estereótipos: por que a necessidade de se encenar um mesmo roteiro, com as mesmas questões, as mesmas dúvidas e as mesmas concepções? Por que fazer do seu desejo sexual um ponto tão central ao ponto de fazer tudo dele emanar e a ele se associar? Por que não pensar que, em meio a tanta estereotíпия, alguma singularidade possa finalmente advir e que não há qualquer problema nisso? Por que os mesmos redundantes e intermináveis conflitos, seja a respeito do mundo, da família e dos prazeres corporais?

Trata-se, portanto, de conceber que grande parte das afirmações que os cientistas construíram a respeito da homossexualidade não fazem qualquer sentido – e, se o fazem, é muito pouco – sendo algumas, inclusive, viciadas em seus próprios princípios. Por isto, cabe perguntar: ao invés de aceitar estes postulados de forma crédula, como se dissessem respeito a verdades absolutas e, conseqüentemente, fazer com que suas vidas sejam referenciadas a tantos absurdos, por que, então, não fazer diferente?

REFERÊNCIAS

- CATONNÉ, J. F. **A sexualidade ontem e hoje**. Tradução por Michele Koralek. São Paulo: Cortez, 2001. Trabalho original: 1994.
- COSTA, J. F. **A face e o verso: estudos sobre o homoerotismo II**. São Paulo: Escuta, 1995.
- ERIBON, D. **Reflexões sobre a questão gay**. Tradução por Procópio Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Tradução por Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- FOUCAULT, M. **A história da sexualidade volume 1: A vontade de saber**. Tradução por Maria Thereza Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988. Publicação original: 1976.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**. Tradução por Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1997. Trabalho original: 1975.
- FOUCAULT, M. **O poder psiquiátrico**. Tradução por Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2006. Publicação original: 2003.
- FOUCAULT, M. **Os anormais**. Tradução por Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2010. Publicação original:
- FOUCAULT, M. **A história da loucura**. Tradução por José Teixeira Neto. São Paulo: Perspectiva, 2017. Publicação original: 1961.
- KRAFFT-EBING, R. **Psychopathia sexualis**. Tradução por Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2000. Publicação original: 1886.
- LANTERI-LAURA, G. (1994). **Leitura das perversões**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

Recebido em 31 de março de 2021.

Aceito em 15 de maio de 2021.

Publicado em 22 de julho de 2021.

SOBRE O AUTOR

Ricardo Salztrager é Psicanalista e Professor do Programa de Pós-Graduação em Memória Social da UNIRIO. Mestre e Doutor em Teoria Psicanalítica pela UFRJ.
E-mail: ricasalz@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6725-5783>